



RAINHA KONG

Sarah & Hagar Decidem Matar Abraão

produção:

apoio:

realização:

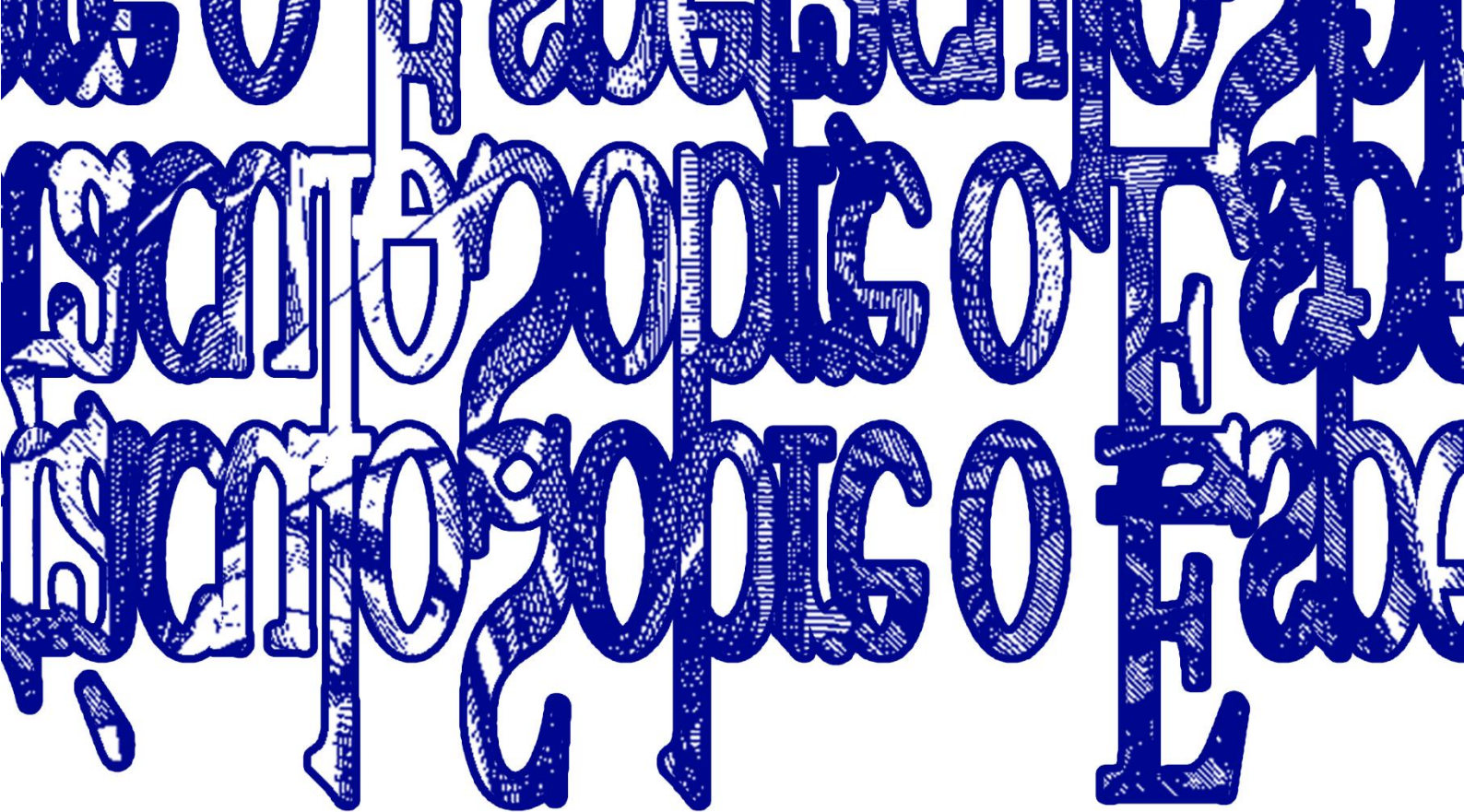


Este projeto foi realizado com o apoio do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura

Sarah & Hagár Decidem Matar Abraão



Sarah & Hagár Decidem Matar Abraão é o segundo espetáculo da coletiva RAINHA KONG, inaugurando o ciclo de produções profissionais da coletiva na cidade de São Paulo. O espetáculo compõe e finaliza o projeto As Histórias Vistas de Baixo, contemplado na 36ª edição do Fomento ao Teatro da Cidade de São Paulo.



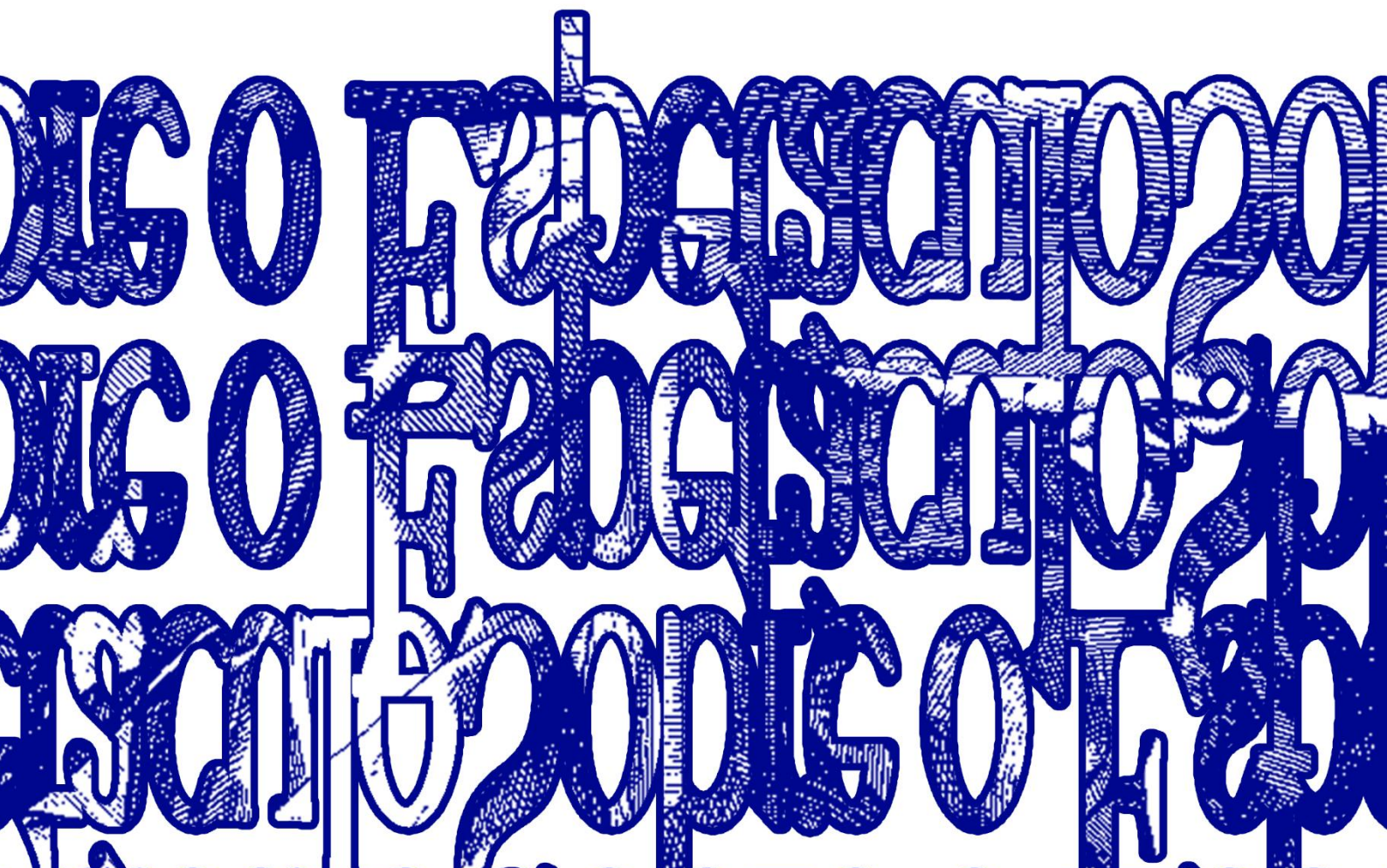
Sobre o Espetáculo

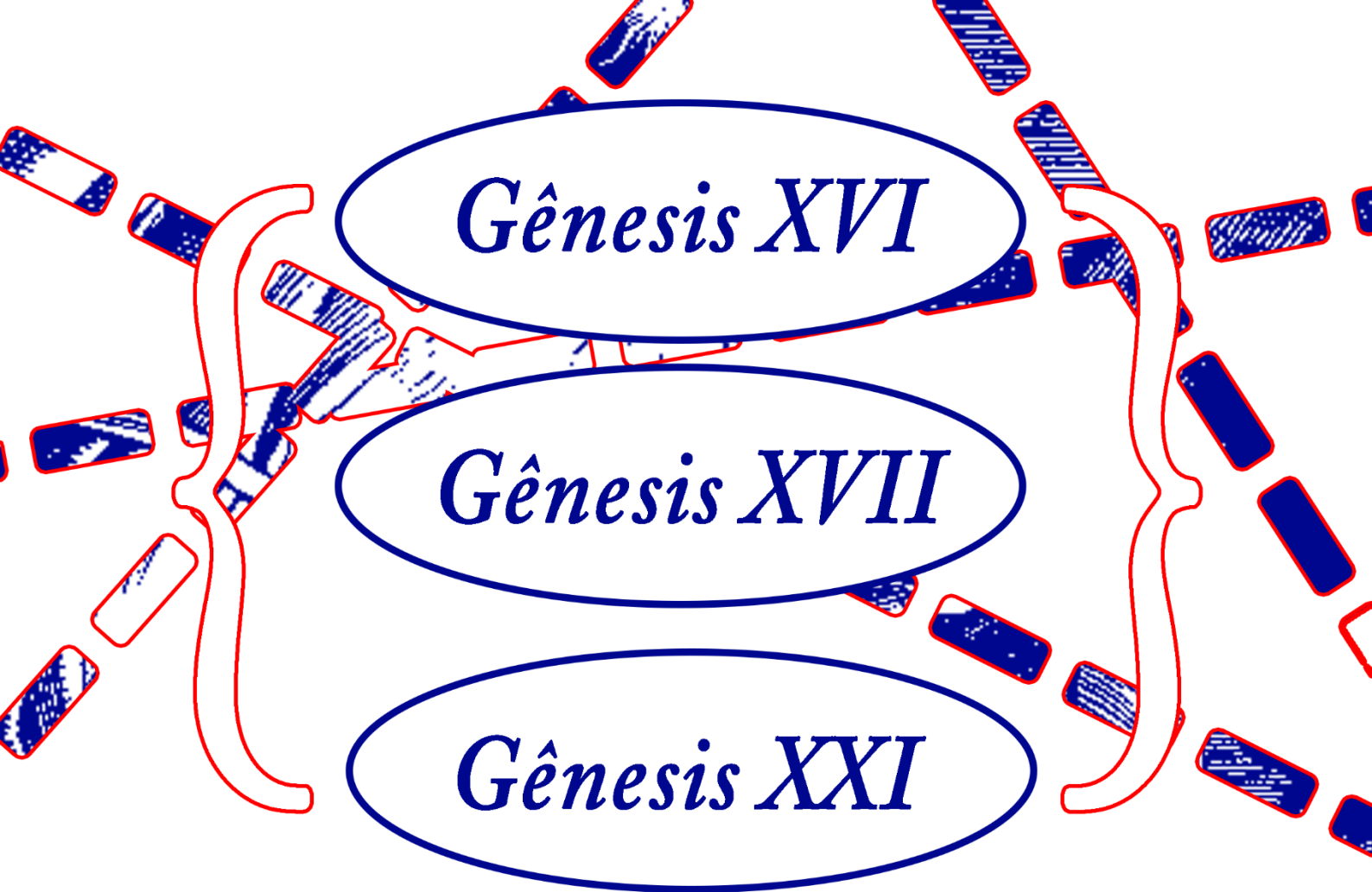
Sarah & Hagár Decidem Matar Abraão procura retomar a fundação do patriarcado de acordo com a bíblia. Para isso, a peça retoma o mito de Sarah, Hagár e Abraão, procurando outros ecos deste mito que não estejam sacramentados na perspectiva patriarcal com o qual ele é interpretado até hoje. Mais do que isso, a montagem traz a possibilidade dessa história ser narrada através da encenação de um elenco queer, interessado em romper com a perspectiva patriarcal no teatro e no mundo.

Segundo a bíblia, Abraão foi o primeiro homem com o qual Deus firmou um acordo repleto de promessas. Nesse acordo, Abraão geraria e daria origem a uma enorme descendência, desde que se comprometesse a cultuar única e exclusivamente aquele Deus que lhe fazia promessas. A esposa de Abraão, Sarah, era, no entanto, infértil. Mas ela tinha uma serva egípcia chamada Hagár. Sarah, então, oferece Hagár para Abraão. Hagár dá a luz a Ismael. A história assim reservou a Abraão o posto de grande patriarca do monoteísmo. E o que a história reservou a Sarah? E o que a história reservou a Hagár?

Esses questionamentos levaram o dramaturgo Ti a tensionar a narrativa bíblica, proporcionando uma conversa direta com a ideia de uma ancestralidade queer. Utilizando-se de narrativas fundantes de tradições patriarcais, o texto revisita personagens históricas não para considerar como seus relatos seriam “atualizados” sob um olhar contemporâneo, mas para considerar que a história dessas figuras pôde, de alguma forma, ter sido contada por outras vozes.

A peça mescla a história contida no livro Gênesis com um futuro distópico, no qual é apresentada uma terra já habitada por bilhões de pessoas e tomada pelo lixo. Neste futuro distópico, são apresentadas as figuras de Fátima e Ishká. Ishká é uma senhora infértil, que não consegue gerar filhos para seu marido, Elias. No decorrer da narrativa, Ishká articula, junto de sua serva Fátima, a morte e o desmembramento de Elias, pois é só a partir desta ação que as duas podem aventar a possibilidade de saírem em busca do paraíso. A história de Fátima e Ishká serve, aqui, para tensionar o mito da bíblia a ponto de que a afirmação *‘Sarah e Hagár decidem matar Abraão’* seja possível.





Gênesis XVI

Gênesis XVII

Gênesis XXI

A dramaturgia do espetáculo propõe uma retomada do mito bíblico de Abraão, Sarah e Hagár, friccionando com este passado mitológico e os aspectos estéticos do texto bíblico um futuro distópico, um território marcado pelas alterações climáticas, pela ausência de anfíbios e apontando para um espaço ideal ao sul - uma retomada do paraíso edênico, no qual a humanidade possa se desvelar de construções socioculturais, sobretudo as construções de gênero. Assim, busca-se com a peça uma espécie de exegese, de interpretação bíblica, partindo do texto original, encontrando em suas brechas e lacunas (que tanto servem às interpretações conservadoras) um potencial de leitura pela chave da liberdade e da busca do paraíso.

Ti

Sobre a Dramaturgia

A Lacuna como Performance

Logo que começamos a investigar o texto criado por Ti para a Rainha Kong, nos deparamos com uma ambiguidade entre dois procedimentos de interpretação do texto bíblico:

O primeiro, comumente conhecido como **As histórias vistas de baixo** é o nome de uma metodologia de investigação historiográfica criada por E.P. Thompson. Seu objetivo era criar maneiras de ler documentos históricos a contrapêlo, observando as lacunas dos registros e buscando entender, pelos silêncios, quens eram silenciadas pelo registro oficial. Ou seja: quais corpos, quais ações eram deliberadamente mantidas de fora daquilo que convencionou-se chamar de história?

O segundo é descrito por Erich Auerbach no primeiro capítulo de sua obra *Mimesis*, e fala precisamente sobre a potência das lacunas do texto bíblico e, como exemplo, extrai um episódio da história do profeta Abraão.

Enquanto Thompson procura nas lacunas o deliberadamente esquecido para fazê-lo presente, Auerbach as toma por momentos historicizantes, momentos necessários para tirar o texto do âmbito literário e transpô-lo ao âmbito histórico.

Uma releitura da fábula de Sarah, Hagár e Abraão feita por corpos transviados precisa - como descobrimos - levar em conta essa ambiguidade. Ao mesmo tempo em que não nos encaixamos nos valores literários da narrativa bíblica, historicamente estamos todos sujeitos a ela.

Ao tentar, durante o processo, explicitar essa ambiguidade, encontramos no texto dos capítulos 16, 17 e 21 do livro de Gênesis uma série de procedimentos performativos lacunares, procedimentos que deixavam em aberto as interpretações da história. O que aconteceria, então, se enxertássemos nessas lacunas outros gestos, outras performances, performances radicalmente diferentes das construídas ao longo de tantos séculos de exegese bíblica? É essa experimentação que es convidamos para assistir.

Diego Moschkovich

Ficha Técnica

Direção

Diego Moschkovich

Dramaturgia

Ti

Elenco

Aleph antialeph

Jaoa de Mello

Vitinho Rodrigues

Trilha Sonora e Operação de som

Não venhas em rosto

Canção Original

Uma Pessoa

Desenho de Luz e Operação de luz

Felipe Tchaça

Cenografia

Su Martins

Figurino

Vicenta Perrotta

Confecção de Figurinos

Ateliê Vicenta Perrota

Artes Gráficas

Aleph antialeph

Fotografias de ensaio

Carla Carniel

Coordenação de Comunicação e Assessoria de Imprensa

Brenda Amaral

Redes Sociais

Thais Eloy

Coordenação de Produção

Bia Fonseca

Iza Marie Miceli

Produção

RK Produção

Assistência de produção

Veridiana Lima



A **RAINHA KONG** é, sobretudo, um grupo de teatro - tanto no seu significado histórico, que abarca diversos grupos de teatro que marcaram a história das artes cênicas no Brasil, como em seu significado político, que compreende grupo como um modo de produção oposto à mercantilização das obras teatrais e pensa o teatro como pesquisa continuada e colaborativa.

A **RAINHA KONG** é, também, uma coletividade cuir, que pensa, reflete e age sobre a desobediência dos corpos marginalizados, de gêneros e sexualidades dissidentes e que não se conforma com as performatividades normativas. Desde 2016, a **RAINHA KONG** investiga intersecções de diferentes linguagens artísticas a fim de discutir questões LGBTQIAP+ cenicamente. O coletivo, oriundo do curso de Artes Cênicas da Unicamp, se coloca em cena enquanto ato político de resistência, mas também questionando a construção de novas narrativas - a partir de histórias e corpos até então silenciados - na investigação e formatação de novas linguagens e formas de se pensar o fazer teatral, performático e artístico.



Sobre a **RAINHA KONG**



As Histórias Vistas de Baixo

As Histórias Vistas de Baixo é o primeiro projeto proposto pela **RAINHA KONG** e contemplado pela Lei Municipal de Fomento da Cidade de São Paulo. O debate central reside no impulso de responder à pergunta: Quem conta a história da população LGBTQIA+? Quem produz essa historicidade?

O projeto realizou três aulas públicas com os temas Historiografia da produção cênica LGBTQIA+ no Brasil, ministrada por Ferdinando Martins; A construção de personagens LGBTQIA+ na dramaturgia e literatura brasileira, ministrada por Ave Terrena e Performances do trânsito, ministrada por Helena Vieira, todas disponíveis no canal da Casa 1 no YouTube. Completando o eixo pedagógico, foi realizada a oficina **As Histórias Vistas de Baixo**, que se focou na orientação de processos artísticos em performance e resultou em uma mostra online de ações performativas.

Também foi realizada a temporada online do espetáculo de repertório *O Bebê de Tarlatana Rosa* nos canais dos teatros municipais paulistanos Cacilda Becker, Arthur de Azevedo, Alfredo Mesquita e João Caetano.

Finalizando o projeto, é realizada a temporada presencial de *Sarah & Hagár Decidem Matar Abraão* e a exposição da vídeo-instalação Fluxos do Rio: Diásporas LGBTQIAP+ na cidade de São Paulo.

